

## O Predador do Presente

J. Roberto Whitaker Penteado

*We have found the enemy, and he is Us. - Pogo (Walt Kelly)*

Em 1949, meus pais decidiram mudar do Rio para Petrópolis, entre outras coisas por recomendação do médico que tratava as muitas doenças que me acometiam (hoje sei que era somatização - pelo filho até então único - do incômodo nascimento do meu irmão Paulo, em 1947. Ele, claro, nada tem com isso.)

Fomos morar numa casinha branca de janelas azuis e gerânios em flor - parecida com aquela da música da Nora Ney - no bairro do Valparaíso.

Petrópolis era uma das cidades mais belas do Brasil. Havia sido construída por oficiais alemães, com o cuidado aristocrático de uma família imperial e mantida como capital diplomática, pela República Velha e pelo Estado Novo, pois Vargas ocupava, com a família, o monárquico Palácio Rio Negro, como se estivesse em casa.

Os colégios ficavam em casarões antigos, como o Instituto C. A. Werneck, onde havia funcionado a câmara provincial. A Rua do Imperador havia sido rebatizada pelos republicanos de "Avenida 15", mas só tinha dois prédios - de 10 andares - o do Grande Hotel e do Hotel Dom Pedro. O resto eram sobrados, a maioria com lojas em baixo e escritórios em cima. Havia um teatro: o Dom Pedro e dois cinemas, o cine Petrópolis e o Capitólio. As lojas de comércio eram conhecidas como se fossem pontos turísticos: a Hermany, a Sloper, a Predilecta, de sapatos, livraria e papelaria Pedro II, a livraria do Povo, toda em madeira. A cara e elegante Casa Gelli, o restaurante Falconi, o café Coringa, a loja Martins Filho, A Colegial, Petrópolis Crédito Móvel, a Sanitária - alguns bancos, além do B. do Brasil e da Caixa Econômica. E o D'Ângelo: confeitaria na esquina famosa que vendia os inimitáveis caramelos, feitos ainda à mão pelos irmãos italianos, já velhinhos. O restaurante Imperador... Tudo isso no meio de uma mata de que um pintor europeu dissera que tinha mais tons de verdes do que as possibilidades de sua paleta.

Há muito que lembrar, ainda. Ou haveria. O que quero registrar é que nada disso existe mais. Quem conheceu essa cidade, que descrevo parcialmente, sabe que o que foi feito com ela é mais do que um crime.

A Avenida, que voltou a chamar-se Rua do Imperador (para que?), virou um cânion de prédios altos e de mau gosto, onde o trânsito está permanentemente congestionado. Não há uma loja que mereça ser visitada - ou olhada uma segunda vez. A proliferação da construção de casebres nas encostas, desmatadas do verde e de tudo o mais - estimulada por anos de propinas recebidas pelas autoridades municipais - encheu o cenário de favelas e leva a cidade anualmente aos jornais que noticiam chuvas que viram tragédias. Conseguiram - conseguimos - transformar a Cidade Imperial num feio subúrbio de um Rio de Janeiro que também se enfeia e se polui, igual a centenas, milhares de cidades, cidadinhas e cidadonas que existem ao longo das estradas desse país que a natureza fez belo, um dia, como cenário e os brasileiros estão conseguindo arrasar. Aos poucos, primeiro; agora cada vez mais depressa.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. O Predador do Presente. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=345&ID=188>>. Acesso em: 21 out. 2009.